

ELLE KENNEDY

O JOGO

Tradução

JULIANA ROMEIRO

BRUNO

Copyright © 2016 by Elle Kennedy

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Score: An Off-Campus Novel

CAPA Paulo Cabral

FOTO DE CAPA Peter Beavis/ Getty Images

FOTO DE QUARTA CAPA Rolfo Eclair/ Getty Images

PREPARAÇÃO Ana Lima Cecilio

REVISÃO Adriana Bairrada e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kennedy, Elle

O jogo / Elle Kennedy ; tradução Juliana Romeiro. — 1ª ed.
— São Paulo : Paralela, 2017.

Título original: The Score : An Off-Campus Novel

ISBN 978-85-8439-057-1

1. Ficção canadense (Inglês) I. Título.

17-00783

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

1

ALLIE

Vamos conversar?

Pfvr???

Q merda, Allie. Depois d td q a gnt passou, eu mereço mas q isso.

Vc não tava falando sério qdo disse q acabou, né?

Responde, porra!

Quer saber? Q se foda. Quer continuar me ignorando? Td bem. Vc q sabe.

Na sexta à noite, na saída da academia do campus, dou uma olhada no meu celular e vejo seis mensagens esperando por mim. São todas de Sean, que desde ontem é meu atual ex-namorado. E, embora eu não deixe de notar a progressão emocional de pidão a furioso, me pego fazendo cara feia para o erro de ortografia.

Eu mereço mas q isso.

“Mas”, e não “mais”. E duvido que seja culpa do corretor ortográfico, porque Sean não é exatamente nenhum prêmio Nobel.

Tá, isso não é totalmente verdade. Sean é muito esperto para algumas coisas. Beisebol, por exemplo — sério, o cara sabe tudo de beisebol, consegue até listar resultados dos anos 60. Mas inteligência formal não é o seu forte. *Namorado perfeito* também não está na sua lista de qualidades, pelo menos não recentemente.

Nunca quis ser daquelas que terminam e fazem as pazes com o mesmo cara milhares de vezes. Achei que fosse mais forte que isso, mas, desde o primeiro ano na Universidade Briar, Sean McCall me pegou de jeito. Ele me conquistou com aquela cara de mauricinho e o sorriso de menino. Um sorriso lindo, todo torto, cheio de covinhas e promessas.

Olho para a tela do celular de novo, e um receio toma conta de mim tal qual a hera que se espalha pela fachada do prédio às minhas costas. Droga. Sobre o que ele quer conversar? Já dissemos tudo o que tinha que ser dito ontem à noite. Quando decretei que para mim tudo tinha acabado e fui embora da república dele, estava falando sério.

Para mim, *chega*. É a quarta vez que a gente termina em três anos. Não posso continuar fazendo isso comigo, esse looping doentio de alegria e dor de cotovelo, principalmente quando a pessoa com quem eu deveria estar construindo um futuro está empenhada em me sabotar.

Ainda assim, estou sofrendo. É difícil deixar para trás alguém que foi tão importante na sua vida por tanto tempo. É ainda mais difícil quando essa pessoa se *recusa* a deixar você.

Suspirando, desço apressada os degraus que levam ao caminho de paralelepípedos que corta o campus. Em geral, tiro um tempo para admirar a paisagem — os maravilhosos edifícios antigos, os bancos de ferro e as árvores enormes —, mas hoje só quero correr de volta para o meu alojamento, me enfiar debaixo das cobertas e esquecer o mundo. Por sorte, posso fazer exatamente isso, porque Hannah, a menina que mora comigo, vai viajar no fim de semana, o que significa que não vai estar por perto para me passar um sermão sobre os perigos emocionais de chafurdar na tristeza.

Ontem, no entanto, Hannah não me deu sermão. Não, o que ela fez foi digno do troféu de melhor amiga da história. No instante em que entrei pela porta do alojamento depois de terminar com Sean, Hannah já estava me esperando na nossa sala de estar com um pote de sorvete, uma caixa de lenços de papel e duas garrafas de vinho tinto, e depois ficou metade da noite me passando lenços e me ouvindo balbuciar coisas sem sentido.

Fim de namoro é *uma merda*. Me sinto um fracasso. Não, me sinto uma fraca. O último conselho que minha mãe me deu antes de morrer foi nunca desistir do amor. Na verdade, ela colocou essa ideia na minha cabeça muito antes de adoecer. Não sei todos os detalhes, mas não era segredo lá em casa que o relacionamento dos meus pais esteve por um fio mais de uma vez nos seus dezoito anos de casados. E eles perseveraram. Eles se *empenharam* para resolver os problemas.

Toda vez que penso em como deixei Sean ontem, sinto um enjoo. Talvez eu devesse ter lutado mais por nós. Quer dizer, sei que ele me ama...

Se ele te amasse, não teria dado um ultimato, me assegura uma voz rouca. *Você fez a coisa certa.*

Minha garganta se fecha assim que reconheço a voz em minha cabeça. É o meu pai, meu maior fã. Aos seus olhos, não erro nunca.

Uma pena que Sean não seja capaz de me enxergar por essa mesma perspectiva.

A cinco minutos da Bristol House, onde divido um alojamento de dois quartos com Hannah, meu celular vibra.

Merda. Outra mensagem de Sean.

E merda de novo, porque a mensagem diz:

Foi mal pelo palavrão, amor. Ñ foi por mal. Só tô chateado. Vc é tudo p mim. Espero q saiba disso.

E outra mensagem aparece: *Tô indo praí dps da aula. Ai a gente conversa.*

Paro de supetão, uma onda de pânico me invadindo. Não tenho medo de Sean, pelo menos não no sentido físico. Sei que ele jamais encostaria um dedo em mim nem teria um ataque de fúria. Mas tenho medo da sua capacidade de me persuadir. Ele é tão bom nisso. Basta me chamar de *amor* e abrir aquele sorriso bonito, e sou um caso perdido.

Releio as mensagens, enquanto a raiva, o pavor e a irritação batalham dentro de mim. Sean está blefando. Ele não apareceria sem ser convidado, apareceria?

Putá merda.

Com os dedos trêmulos, abro o contato de Hannah no celular. Dois toques depois, e a voz tranquilizadora da minha melhor amiga ecoa na linha. “E aí, tudo bem?”

Ouçó outras vozes ao fundo. Uma delas, feminina — Grace Ivers, namorada do Logan. O que significa que Hannah e seu namorado, Garrett, já partiram para o fim de semana em Boston. Ela me convidou para ir com eles, mas achei melhor recusar, porque não queria ficar de vela. Dois casais loucamente apaixonados e eu? Não, obrigada.

Agora, queria ter aceitado o convite, porque vou passar o fim de semana sozinha, e Sean quer *conversar*.

“O Sean tá vindo pra cá hoje à noite”, deixo escapar.

Hannah leva um susto do outro lado da linha. “O quê? *Não!* Por que você deixou...”

“Não deixei nada! Ele nem me perguntou se podia. Só mandou uma mensagem dizendo que tá vindo.”

“Mas que inferno!” Ela soa tão contrariada quanto eu me sinto neste momento.

“Eu sei, tá?” Deixo o pânico transparecer. “Não posso encontrar com ele, Han. O término ainda tá muito recente. Se ele vier, posso acabar voltando atrás.”

“Allie...”

“Será que, se eu apagar as luzes e fechar a porta, ele vai achar que não estou em casa e vai acabar indo embora?”

“Você não conhece o Sean? Ele vai passar a noite toda na frente da nossa porta.” Hannah solta um palavrão. “Sabe de uma coisa? Eu não devia ter concordado em assistir a esse jogo do Bruins. Devia estar em casa com você. Espera, vou falar para o Garrett pegar o retorno...”

“De jeito nenhum”, interrompo. “Você *não vai* cancelar a sua viagem por minha causa. É a última chance que você tem de se divertir.”

Hannah namora o capitão do time de hóquei da Briar, e isso significa que a agenda dele vai estar lotada de treinos e jogos agora que começou a temporada. O que, por sua vez, significa que Hannah não vai ter mais muito tempo livre com ele. E me recuso a ser a pessoa a arruinar um raro fim de semana de liberdade para os dois.

“Só quero um conselho.” Engulo em seco. “Então, por favor, o que eu faço? Ligo para a Tracy e peço para dormir no quarto dela?”

“Não, com o Sean vagando pelos corredores, é melhor você sair da Bristol House. Talvez a Megan... Não, espera, o namorado novo dela vai passar este fim de semana na cidade. Eles provavelmente vão querer ficar sozinhos.” Hannah parece pensativa. “E a Stella?”

“Tem uma semana que ela e o Justin estão morando juntos. Eles não vão querer uma hóspede de última hora.”

“Espera um segundo.” Mais uma longa pausa. Ouço a voz abafada de Garrett, mas não consigo distinguir o que está dizendo. Então Hannah volta à linha. “Garrett disse que você pode passar o fim de semana na casa dele. O Dean e o Tuck vão estar lá, então se o Sean descobrir e apa-

recer, os dois colocam ele na rua.” As vozes ressurgem ao fundo. “Você pode dormir no quarto do Garrett”, acrescenta ela.

Fico em dúvida. Quer dizer, isso é ridículo. Não acredito que estou considerando fugir do meu próprio alojamento por causa de Sean. Mas, em minha mente, vejo-o esmurrando a minha porta. Ou pior, colocando um rádio debaixo da janela para tocar “Say Anything”. Ai, e se ele vier com a música do Peter Gabriel? *Odeio* aquela música.

“Certeza que não tem problema?”, pergunto.

“Claro. Problema nenhum. O Logan tá aqui mandando uma mensagem para o Dean e o Tucker, para avisar. Pode ir a hora que quiser.”

Sinto uma onda de alívio e uma pontada de culpa. “Coloca no viva-voz? Quero falar com o Garrett.”

“Tá. Só um segundo.”

Um instante depois, a voz profunda de Garrett Graham surge na linha. “Tem lençol limpo no armário, e talvez você queira levar o próprio travesseiro. A Wellsy acha os meus fofos demais.”

“Eles são fofos demais”, protesta Hannah. “É tipo dormir num marshmallow encharcado.”

“É tipo dormir numa nuvem macia”, corrige Garrett. “Vai por mim, Allie, meus travesseiros são o máximo. Mas mesmo assim é melhor você levar o seu.”

Eu rio. “Obrigada por avisar. Mas tem certeza que não tem problema? Não quero atrapalhar.”

“Relaxa, Allie. Basta uma piscadela com esses seus olhos azuis, e o Tuck vai te dar um belo de um jantar. Ah, e o Logan mandou o Dean não dar em cima de você, então não precisa se preocupar com isso.”

Até parece. Dean Heyward-Di Laurentis é o cara mais abusado do planeta. Toda vez que me vê, tenta me levar pra cama. E nem posso me sentir especial por isso, porque ele tenta levar *todo mundo* pra cama.

Mas não ligo. Sei lidar com Dean, e Tucker vai ser um bom contrapeso entre mim e o pervertido do colega de república dele.

“Obrigada mesmo”, digo a Garrett. “Sério. Te devo uma.”

“Que nada.”

Hannah volta a falar. “Me escreve quando chegar lá, tá? E depois desliga o celular, assim o Sean não enche o saco.”

Já falei o quanto amo minha melhor amiga?

Desligo me sentindo muito melhor. Talvez seja uma boa ideia passar um fim de semana longe do alojamento. Posso encarar isso como um retiro agradável, alguns dias para limpar a cabeça e me reorganizar. E com Tucker e Dean por perto não vou me sentir tentada a ligar para Sean. Precisamos de um tempo afastados desta vez. Sem contato nenhum, pelo menos por algumas semanas. Ou meses. Ou anos.

Para ser sincera, não sei se vou sobreviver a esta separação. Amei esse cara por anos. E Sean tem seus momentos gentis. Como todas as vezes em que apareceu na minha porta trazendo sopa quando eu estava doente. E quando...

Cuidado, olha a recaída!

Um alarme dispara em minha cabeça, me alertando para a minha estupidez. Não. Não vou ter uma recaída. Não importa que Sean seja capaz de ser gentil — porque ele também é capaz de *não* ser gentil, como a última noite prova.

Aprumo os ombros e caminho mais depressa, determinada a seguir com o plano. Sean e eu terminamos. Não posso vê-lo, escrever para ele nem fazer nada que me coloque em seu caminho agora.

O primeiro dia da minha existência sem Sean está oficialmente iniciado.

DEAN

É sexta à noite e estou deitado no sofá da sala, tomando uma cerveja, enquanto duas louras — muito gostosas e muito nuas, diga-se de passagem — dão um beijo de língua na minha frente. Minha vida é demais.

“Melhor noite da história”, comento, com a voz arrastada. Meu olhar está fixo na trajetória das mãos de Kelly em direção aos peitos empinados de Michelle. Kelly aperta, e solto um gemido. “Ficaria melhor ainda se as senhoritas trouxessem a festa pra cá.”

Sem fôlego, elas interrompem o beijo e olham para mim, rindo. “Diz um motivo pra gente fazer isso”, provoca Kelly.

Arqueio uma sobrancelha e, em seguida, seguro o pau duro feito pedra. Faço um carinho lento. “Isto aqui não é motivo suficiente?”

Michelle é a primeira a vir na minha direção, os peitos e a bunda balançando, enquanto senta no meu colo e aperta a boca contra a minha. Um segundo depois, Kelly está ao meu lado, os lábios quentes e macios grudados ao meu pescoço. Meu. Deus. Estou tão duro que dói, mas as duas deusas estão determinadas a me fazer implorar. Elas me torturam com beijos. Longos, inebriantes e molhados, com línguas maldosas, lambidas estratégicas e mordidas suaves, projetadas para me enlouquecer.

Queria poder dizer que este pequeno momento de perversão a três é uma experiência nova para mim, ou que o rótulo de pegador que meus colegas de time me deram é um exagero. Mas a experiência não é novidade, e o rótulo é bem preciso. Gosto de sexo. Transo muito. Me julgue.

Quando os dedos de Kelly me envolvem, solto um grunhido. “Caramba, como fui me dar tão bem assim?”

“Você ainda não se deu bem”, diz Michelle, jogando o longo cabelo por sobre o ombro. “Só pode gozar depois da gente, lembra?”

Ela está certa — fiz uma promessa e pretendo cumpri-la. Ao contrário do que meus amigos idiotas pensam a meu respeito, para mim, sexo é se dedicar à mulher. Ou, neste caso, às *mulheres*. Duas mulheres lindas e sedentas, que não só têm tesão por mim, como uma pela outra.

Ei, céu? Dean Di Laurentis aqui. Obrigado por me deixar entrar.

“Bem. Então é melhor começar”, anuncio, deitando-a sobre a almofada e levando a boca aos seus seios.

Pego um dos mamilos e chupo com força, e seus quadris se erguem do sofá, enquanto ela geme. Percebo um movimento pelo canto do olho. Kelly se debruça ao meu lado e lambe o outro mamilo de Michelle. Minha nossa. Solto um gemido alto o suficiente para acordar os mortos.

Kelly abre um sorriso para mim. “Achei que você precisava de ajuda.” Em seguida, ela deixa um caminho de beijos pela barriga lisa de Michelle em direção ao ponto em que as coxas da amiga se encontram.

Céu coisa nenhuma! Isto aqui é o nirvana.

Sigo o mesmo caminho que Kelly, os lábios viajando sobre a pele bronzeada e as curvas macias, até chegar ao lugar que me deixa com água

na boca. Kelly já está lambendo. Puta merda. Não sei se vou conseguir me controlar por tempo suficiente para fazer as duas gozarem. Já estou perto demais.

Ignorando a pulsação que sinto lá embaixo, umedeço o lábio inferior, aproximo a boca, e... a porcaria da campainha toca.

Merda. Ergo a cabeça para a televisão. O relógio digital do aparelho de Blu-Ray marca oito e meia. Tento me lembrar se disse para algum dos caras que eles podiam passar aqui esta noite, mas não falei com ninguém além dos meus colegas de república hoje, e todos eles saíram. Garrett e Logan foram para Boston com as namoradas há uma hora, e Tucker ia levar uma garota ao cinema.

“Já volto.” Dou uma lambida provocante na coxa de Michelle, em seguida me levanto do sofá e procuro minha cueca.

Com o pau escondido, me apresso pelo corredor para atender a porta. Quando vejo quem está de pé na entrada, estreito os olhos.

“Chegou atrasada, gata”, aviso à melhor amiga de Hannah. “Sua amiga já foi. Volta domingo.” Começo a fechar a porta. Isso mesmo, sou um babaca sem educação.

Infelizmente, a loura enfia uma bota preta de neve entre a porta e o batente. “Deixa de ser grosso, Dean. Você sabe que vim passar o fim de semana.”

Minhas sobrancelhas se arqueiam. “Hmm, o quê?” Olho melhor para ela e só então noto a mochila estufada pendurada num ombro. E a pequena mala cor-de-rosa de rodinha aos seus pés.

Allie Hayes solta um longo suspiro. “Logan mandou uma mensagem avisando. Agora me deixa entrar. Estou com frio.”

Deito a cabeça de lado. Então empurro seu pé para fora sem muita gentileza. “Espera aqui. Já volto.”

“Tá me zoando...”

A porta se fecha no meio da sua exclamação indignada.

Lutando contra o aborrecimento, corro de volta para a sala, onde Michelle e Kelly nem sequer notam minha reaparição — estão ocupadas demais se pegando. Levo quase um minuto para encontrar meu celular e, quando finalmente o alcanço no chão, descubro que a amiga de Hannah não estava brincando comigo.

Há cinco mensagens não lidas, que é o que acontece quando você é a carne num sanduíche de gostosas. Sexo a três é bem mais interessante que conferir o celular. Óbvio.

Logan: *E aí, mano, a Allie, amiga da Wellsy, vai ficar em casa este fds.*

Logan: *Mas guarda esse pinto dentro da calça. G. e eu nem ligamos se vc aprontar alguma coisa. Mas a Wellsy pode estar a fim d violência. Então: seu pau = dentro da calça = ã perturbe nossa convidada.*

Hannah: *Allie vai ficar com vcs até domingo. Ela tá meio vulnerável agora. Ñ se aproveite dela, senão vou ficar triste. E vc ã quer me ver triste, quer?*

Solto uma risada. Hannah, diplomática como sempre. Repasso de-
pressa as duas últimas mensagens.

Garrett: *Allie vai ficar no meu quarto.*

Garrett: *Seu pau pode ficar no seu quarto.*

Nossa, que obsessão é essa que todo mundo tem com o meu pau?

E eles podiam ter escolhido hora pior para isso? Lanço um olhar pesaroso para o sofá. Os dedos de Kelly estão exatamente onde queria que os meus estivessem agora.

Limpo a garganta, e as duas meninas me fitam. Michelle está com uma expressão vaga por causa da atenção especial que a amiga está lhe oferecendo.

“Odeio ter que dizer isso, mas vocês precisam ir embora”, anuncio.

Dois pares de olhos se arregalam. “Hã?”, exclama Kelly.

“Tenho uma convidada inesperada esperando lá fora”, resmungo. “E isso significa que esta casa acabou de se tornar território de censura livre.”

Michelle solta uma gargalhada. “Desde quando você se importa que alguém te veja transando?”

Verdade. Normalmente não dou a mínima se tem alguém por perto. Na maioria das vezes até prefiro. Mas não posso expor minha libertinagem para uma amiga de Hannah. Aliás, nem para Hannah ou para Grace. Não estou nem aí para os caras. Eles já me conhecem. Mas sei que Garrett e Logan não curtiriam que eu saísse por aí corrompendo suas namoradas. Assim que começaram com essa história de relacionamento sério, meus parceiros de noite ficaram caretas. É bem triste.

“Essa hóspede é uma flor delicada”, digo, secamente. “Do tipo que cairia dura se visse nós três juntos.”

“Cairia nada”, rebate Allie irritada, parada na porta.

Estou tão irritado quanto ela. A garota chega entrando como se fosse dona da casa? Nada disso.

Olho feio para ela. “Falei que era pra esperar lá fora.”

“E eu falei que estava com frio”, devolve Allie. Ela não parece ter nenhum problema com o fato de haver duas garotas nuas a três metros de distância.

Minhas convidadas avaliam Allie como se ela fosse uma cultura de bactérias em seus microscópios. Em seguida, franzem o nariz e a ignoram como se ela fosse, bem, uma cultura de bactérias em seus microscópios. Mulheres costumam ficar competitivas quando estou por perto, mas está na cara que essas não veem Allie como concorrência.

Não sei se chego a culpá-las. A menina está usando um casaco preto estofado, botas e luvas, e o cabelo louro está escapando de um gorro vermelho de tricô. Estamos na primeira semana de novembro — não tem um floco de neve no chão, o ar mal está frio, e não tem nada que justifique se agasalhar tanto. A menos que você seja louco. O que estou começando a desconfiar que Allie Hayes seja, porque ela caminha descaradamente pela sala e se deixa cair na poltrona em frente ao sofá.

Ao abrir o casaco, lança um olhar na direção de minhas convidadas e em seguida se volta para mim. “Por que você não transfere essa festinha para o segundo andar? Vou ficar aqui e assistir a um filme ou qualquer coisa assim.”

“Ou você pode ir para o quarto do Garrett e assistir a um filme lá em cima”, digo, enfaticamente. Só que, no fundo, não importa mais. Ela já acabou com o clima, e não me sinto confortável de pegar duas meninas com a melhor amiga de Hannah em casa.

Suspirando, me volto para as meninas. “Vamos deixar para a próxima?”

Nenhuma delas faz muita objeção. Aparentemente a srta. Allie não só acabou com o clima, mas arrasou a merda da terra e cobriu com cal para evitar que o tesão jamais brotasse novamente.

Allie mal presta atenção às meninas se vestindo. Está muito ocupada despindo milhares de camadas de roupas de inverno e pendurando-as no braço da poltrona. Ao terminar, parece substancialmente menor, em

uma leggings preta e uma camiseta listrada grande demais, e não perde tempo em se acomodar na grande poltrona de veludo.

Acompanho Kelly e Michelle até a porta, onde as duas praticamente engolem o meu rosto antes de dizerem que vão me cobrar a promessa. Quando elas enfim saem, meus lábios estão inchados e meu pau está duro de novo.

Volto para a sala de estar com uma carranca que se recusa a desaparecer. “Satisfeita?”, pergunto.

“Satisfeita com o quê?”

“Em empatar a minha noite.”

Allie ri. “Tem algum motivo para você não ter levado as louras para o segundo andar? Não precisava expulsar as meninas por minha causa.”

“Você acha mesmo que eu ia transar lá em cima sabendo que você tá sentada aqui embaixo?”

Isso a faz dar outra risada. “Você transa em *público*. O tempo todo. Que diferença faz se estou na casa?” Ela me encara, pensativa. “A menos que o problema seja o seu quarto. A Hannah disse que você tá sempre atracado com alguém na sala. Me explica essa história. Sua cama tem percevejo ou alguma coisa assim?”

Cerro os dentes. “Não.”

“Então por que não faz suas festinhas lá em cima?”

“Porque...” Paro de falar, e a carranca volta para o meu rosto. “Não é da sua conta. O que você tá fazendo aqui, afinal? A Bristol House pegou fogo?”

“Tô me escondendo”, responde ela, como se eu tivesse que entender do que está falando. Então olha ao redor. “Cadê o Tucker? Garrett falou que estaria em casa.”

“Saiu.”

Ela faz beicinho. “Ah, que pena. Tenho certeza que ele assistiria a um filme comigo. Mas acho que você dá pro gasto.”

“Você empata a minha foda e agora espera que eu fique aqui fazendo companhia?”

“Vai por mim, você é a última pessoa de quem quero companhia, mas estou no meio de uma crise agora, e você é o único por aqui. Você *tem* que ficar perto de mim, Dean. Senão vou fazer alguma merda e arruinar a minha vida inteira.”

Acho que me lembro de Hannah dizendo que Allie gosta de um drama. É. Acho que é verdade.

“Por favor?”

Sua expressão de súplica não fraqueja. E sempre tive uma queda por olhos azuis grandes. Principalmente quando eles pertencem a louras bonitas com uma comissão de frente de respeito.

“Tá bom”, cedo. “Vou te fazer companhia, beleza?”

Ela se anima toda. “Que filme a gente vai ver?”

Um gemido se instala na minha garganta. Minha noite de sexta foi de sexo a três para babá da melhor amiga da namorada do meu melhor amigo.

Ah, e ainda estou duro feito pedra graças aos beijos de despedida de Kelly e Michelle.

Que maravilha.

2

ALLIE

Meu autocontrole está nas mãos de Dean Heyward-Di Laurentis, um homem conhecido por ter *zero* autocontrole. Ou seja, estou ferrada. Muito ferrada.

Mas não vou fazer isso. Não vou ligar para Sean. Não importa que, vinte minutos atrás, ele tenha me mandado uma foto da nossa viagem para o México, no ano passado. Ele usou um daqueles aplicativos de moldura para desenhar um coração vermelho em volta dos nossos rostos.

Foi uma viagem tão boa...

Afasto a memória e pego o controle remoto da mesinha de centro. “Você tem Netflix?” Olho para Dean, que ainda parece irritado com a minha presença.

E, ou estou vendo coisas, ou ele está com uma ereção. Mas sou gentil o suficiente para não o provocar com o assunto, porque, em sua defesa, ele estava a cinco segundos de transar com duas mulheres antes de eu chegar.

Meu olhar viaja por seu peito nu. Não tenho como mentir — o peitoral é absolutamente espetacular. O cara é *sarado*. Alto e esguio, com músculos divinamente esculpido. E está com a barba por fazer — pelos grossos e louros que sombreiam com sensualidade a mandíbula esculpida à perfeição. É mesmo um desperdício. Deveria ser proibido um cara tão babaca ser tão bonito.

“Tenho. Pode ligar e escolher alguma coisa”, responde ele. “Vou só dar um pulo lá em cima para bater uma e já venho.”

“Tá, acho que tô a fim de ver um... Espera aí, o quê?”

Mas Dean já sumiu, me deixando de boca aberta para o corredor vazio. Ele vai só dar um pulo lá em cima para fazer *o quê?* Era brincadeira, né?

Contrariando meu bom senso, imagino a cena. Dean no seu quarto. Uma das mãos em volta do pau, a outra... segurando o saco? Torcendo o lençol? Ou talvez esteja de pé, agarrando a lateral da escrivaninha, as feições marcadas, enquanto morde o lábio inferior...

E *por que* estou tentando resolver o mistério de como o cara se masturba?

Afastando a imagem, vou clicando no controle remoto até encontrar a Netflix; em seguida, começo a repassar a lista dos últimos lançamentos.

Menos de cinco minutos depois, Dean aparece de novo na sala. Felizmente, vestiu uma calça de moletom. Só que a usa tão baixo na cintura que sei que só pode estar sem cueca, pois quase posso ver... lugares que não tenho interesse nenhum em ver.

Ainda está de peito nu e exhibe um leve rubor nas bochechas.

“Você acabou mesmo de bater uma?”, pergunto.

Dean faz que sim com a cabeça, como se não fosse nada demais. “Por quê, você acha que eu ia conseguir passar um filme inteiro com as bolas doendo?”

Eu o encaro, embasbacada. “Então você não pode transar com ninguém enquanto estou em casa, mas pode subir e fazer *isso*?”

Seus lábios se torcem num sorriso malicioso. “Eu podia ter feito aqui embaixo, mas aí você ia ficar tentada a tomar as rédeas. Estava tentando ser legal.”

É difícil não revirar os olhos. Então, nem tento me conter. “Vai por mim, eu teria ficado na minha.”

“Com meu pau aqui pra fora? De jeito nenhum. Você não ia aguentar.” Ele arqueia uma das sobrancelhas para mim. “Tenho um pau e tanto.”

“Aham. Tenho certeza que sim.”

“Duvida? Posso mostrar uma foto.” Ele pega o celular na mesa de centro. Em seguida, para e segura o cós da calça. “Na verdade, posso te mostrar ao vivo e a cores, se quiser.”

“Não quero. Nem um pouco.” Faço um gesto para a televisão. “Escolhi esse. Já viu?”

Dean faz uma careta para o pôster do filme na tela. “Pelo amor de Deus, foi *isso* que você escolheu? Deve ter uns três filmes de terror novos que a gente pode ver. Ou toda a filmografia do Jason Statham.”

“Filme de terror não!”, digo com firmeza. “Não gosto de sentir medo.”

“Tudo bem. Então um filme de ação.”

“Não gosto de violência.”

Ele chupa as bochechas de tanta frustração. “Gata, não vou ver um filme sobre...”, então aperta os olhos para a tela, “uma mulher que embarca numa jornada de redescoberta depois de ser diagnosticada com uma doença terminal’. De jeito nenhum.”

“Mas parece que é muito bom”, reclamo. “Ganhou um Oscar!”

“Sabe o que mais ganhou um Oscar? *O silêncio dos inocentes*. *Tubarão*. *O exorcista*”, cita, presunçoso. “Tudo filme de terror.”

“A gente pode passar a noite inteira discutindo, mas não vou ver nada com sangue, tubarão nem explosão. Pode ir se acostumando com a ideia.”

Dean cerra os dentes visivelmente. Em seguida, relaxa a mandíbula e solta um suspiro pesado.

“Certo. Mas, se tenho que aguentar essa porcaria de filme, vou fumar um baseado antes.”

“Como quiser, lindinho.”

Ele caminha em direção à porta, resmungando algo em voz baixa.

“Espera”, chamo, tirando depressa o celular do bolso do casaco. “Pode levar isso com você? Se ficar sozinha com meu celular, posso acabar caindo na tentação de mandar uma mensagem.”

Ele me lança um olhar desconfiado. “Pra quem você tá tentando não mandar mensagem?”

“Meu ex. Terminamos ontem, e ele não para de me escrever.”

Faz-se um silêncio. “Sabe de uma coisa? Você vem comigo.”

Mal tenho tempo de piscar, e Dean já atravessou a sala e está me tirando da cadeira. Quando meus pés encontram o piso de madeira, perco o equilíbrio e tropeço direto em seu peito gigante, o nariz achatado contra um peitoral definido.

Recobro o equilíbrio depressa e me armo com um olhar mordaz. “Eu já tinha me acomodado toda, seu estúpido.”

Dean me ignora e meio que me conduz, quase me arrastando até a cozinha. Como nem me deixou pegar o casaco, começo a tremer no instante em que passo pela porta dos fundos.

Seu peito nu brilha sob a luz do quintal. Não parece incomodado com o frio, mas seus mamilos franzem um pouco com o ar gelado da noite.

“Que merda. Até seus mamilos são perfeitos”, reclamam.

Seus lábios se contorcem. “Quer tocar?”

“Eca. Nunca. Só estou comentando como eles são perfeitos. Totalmente proporcionais para o seu peito.”

Ele examina os próprios peitorais e pensa por um instante. “Pois é. Sou *mesmo* perfeito. Preciso me lembrar disso com mais frequência.”

Deixo escapar um riso de desdém. “Claro. Porque você já não é vaidoso o suficiente.”

“Sou autoconfiante”, corrige ele.

“Convencido.”

“*Autoconfiante.*” Ele abre a caixinha de lata que pegou na cozinha, e faço uma cara feia ao vê-lo extrair um baseado perfeitamente enrolado e um isqueiro Zippo.

“Por que estou aqui?”, resmungo. “Não quero fumar.”

“Claro que quer.” Ele acende, dá uma tragada profunda e fala por entre a nuvem de fumaça. “Você tá toda nervosa e estranha. Vai por mim, precisa disso.”

“Isso é pressão, sabia?”

Ele estende o baseado, uma das sobranceiras arqueadas, e me persuade, de brincadeira. “Anda logo, gata. Só um trago. Todo mundo fuma.”

Não posso deixar de rir. “Vai à merda.”

“Você quem sabe.” Ele exala de novo, e o cheiro de maconha me rodeia.

Não me lembro da última vez em que curti uma brisa. Não faço isso com frequência, mas, cá entre nós, se eu fosse escolher uma ocasião que pediria um pouco da serenidade que um baseado proporciona, seria esta noite.

“Tá bom. Passa pra cá.” Estendo a mão antes que possa mudar de ideia.

Dean obedece, radiante. “Assim que eu gosto. Mas não conta pra Wellsy. Ela vai acabar com a minha raça se achar que estou corrompendo sua melhor amiga.”

Levo o baseado aos lábios e trago a fumaça até os pulmões, tentando não rir da apreensão genuína no rosto de Dean. Ele provavelmente tem

razão de ter medo de Hannah. Minha amiga é dona de uma língua afiada e não tem medo de usá-la. Por isso que eu a adoro.

Por dois minutos, passamos o baseado de um para o outro em silêncio, feito dois hooligans se escondendo nos fundos de um posto de gasolina. É a primeira vez que fico sozinha com ele, e a sensação de estar no quintal com um Dean Di Laurentis de peito nu é estranha. Falando sério, nunca soube o que achar dele. Sei que é arrogante, atrevido...

Fútil.

Eu me sinto uma idiota por pensar isso, mas não posso negar que é o que me vem à mente sempre que vejo Dean. Hannah me disse que ele é podre de rico, e dá pra perceber. Não que saia por aí esbanjando dinheiro, mas pela forma como desfila pelo campus como se tivesse o mundo aos seus pés. Acho que nunca passou por uma dificuldade na vida. Só de olhar, você *sabe* que o cara consegue o que quer, quando quer.

Hmm. Aparentemente maconha me deixa filosófica e crítica.

“Então quer dizer que você levou um fora?”, pergunta ele, por fim, me observando dar outro trago.

Sopro a fumaça na cara dele. “Não. Fui eu que terminei.”

“O mesmo cara de sempre? Da fraternidade? Stan?”

“Sean. E, sim, estamos indo e vindo desde o primeiro ano de faculdade.”

“Minha nossa. É tempo demais para ficar com a mesma pessoa. O sexo era sem graça?”

“Por que pra você tudo tem sempre que girar em torno de sexo?” Passo o baseado de volta. “E, para a sua informação, o sexo era bom.”

“Bom?” Ele dá uma risada de escárnio. “Uau, isso é que é elogio.”

Já estou sentindo os efeitos da maconha, a cabeça leve e o corpo relaxado, e esse deve ser o único motivo que me faz continuar falando. Em condições normais, jamais me abriria com esse cara.

“Acho que, no final, já não era mais o melhor do mundo”, admito. “Mas deve ser porque a gente estava brigando muito desde o verão.”

“Mas não é a primeira vez que vocês terminam, né? Por que você sempre volta para ele?”

“Porque amo aquele cara.” Então me corrijo: “*Amava*”. Ai, nem sei mais. “Nas duas primeiras vezes em que terminamos, não foi porque um

de nós tinha feito besteira. Só achei que a coisa estava ficando muito séria, muito rápido. Era o primeiro ano, e eu tinha impressão de que a gente devia estar curtindo a vida, fazendo loucuras de solteiro e por aí vai.”

“Loucura de solteiro é bom”, concorda ele, solene. “Uma vez saí com uma gostosa, e ela fez uma refeição inteira em cima do meu pau.”

“Eca.” Reviro os olhos. “E o pior é que a vida de solteira foi bem chata. Saí com uns caras, todos eles uns canalhas completos. E isso me fez perceber como era bom o que eu tinha com o Sean.”

Dean sopra outra nuvem de fumaça. “Certo. Mas aí vocês terminaram de novo.”

“Terminamos.” A memória evoca uma onda de irritação. “Dessa vez foi porque ele ficou controlador demais. Um dos colegas de fraternidade dele deu em cima de mim numa festa, e o Sean decidiu que ninguém mais podia olhar pra mim. Ele começou a me dizer como me vestir e a me mandar mensagens o tempo todo, perguntando onde eu estava e com quem. Era sufocante.”

Dessa vez é Dean quem revira os olhos. “Diz a garota que voltou para ele de novo.”

“Ele me prometeu que seria diferente. E foi. Desgrudou do meu pé e foi *tão* bom para mim depois disso.”

Dean não parece convencido, mas não me importo. Não me arrependo de ter voltado para Sean. Depois de dois anos e meio com o cara, sabia que precisávamos lutar pelo nosso relacionamento.

“O que nos traz ao rompimento número quatro.” Dean inclina a cabeça, curioso. “O que aconteceu?”

Sinto o desconforto apertar meu peito. “Já falei. A gente tava brigando muito.”

“Por quê?”

As palavras me saem antes que eu possa evitar. Droga. Ele injetou soro da verdade nesse baseado ou algo assim? “Em geral, por causa da formatura e do que a gente vai fazer depois da faculdade. Meus planos sempre foram mudar para Los Angeles e me concentrar na carreira de atriz.”

Ou Nova York... Mas não comento isso com Dean. Ainda não me decidi, e ele é a última pessoa com quem quero discutir decisões profissionais profundas. O sujeito tem a profundidade de uma poça de chuva.

“Quando começamos a namorar, Sean não tinha nenhum problema com isso, mas neste verão, de repente, decidiu que não quer que eu vire atriz. Na verdade, não quer que eu tenha um emprego e ponto.” Franço a testa. “Ele meteu na cabeça que vai trabalhar na empresa de seguros do pai, em Vermont, e que vou ser a dona de casa feliz que prepara o jantar para o marido antes de ele chegar em casa.”

Dean dá de ombros. “Nada de errado em ser dona de casa.”

“Claro que não, mas não quero ser dona de casa”, retruco, frustrada. “Passei quase quatro anos dando duro para me formar nessa faculdade de teatro. E *quero* usar o meu diploma. Quero ser atriz, e não posso continuar com um cara que não me apoia. Ele...”, me interrompo, mordendo o lábio.

“Ele o quê?”

“Nada. Esquece.” Tomo o baseado da sua mão e inspiro fundo. Fundo demais, porque começo a tossir feito louca ao expirar. Meus olhos se enchem d’água por um momento, e, quando minha visão se normaliza, me deparo com olhos verdes sérios me observando com atenção.

“O que ele fez?”, Dean exige saber, em voz baixa. “E qual o tamanho da surra que ele merece? Eu e Garrett damos conta de uma briga sozinhos, mas se você quiser quebrar uns ossos, a gente pode soltar o Logan em cima dele.”

“Ninguém vai quebrar os ossos de ninguém, seu idiota. Sean não fez nada demais, e não preciso que você dê uma surra nele. A única coisa que quero que você faça é esconder essa merda desse celular.” Enfio o celular nas mãos de Dean. “Mantenha bem longe de mim este fim de semana, tá legal? Só me devolva se meu pai me ligar. Ou a Hannah e a Stella. E a Meg e... quer saber? Eu confiro quem ligou algumas vezes por dia, sob sua supervisão. Assim, você pode me dar um tapa se eu tentar escrever para o Sean.”

Dean parece intrigado. “Então, eu sou... o quê, seu vigia de relacionamento? O responsável por te manter na linha?”

“Isso mesmo. Parabéns, finalmente você vai poder fazer alguma coisa de útil com o seu tempo”, respondo, sarcástica.

Ele inclina um pouco a cabeça. “E o que eu ganho em troca?”

“A satisfação de saber que tá ajudando alguém além de si próprio?”

“É pouco. Que tal um boquete? Eu topo por um boquete.”

Mostro o dedo do meio. “Vai sonhando.”

“Tudo bem, um carinho no meu pau então.”

“Deixa de ser babaca. Por favor. Não tenho nenhum autocontrole quando se trata de Sean.”

Como se tivesse recebido uma deixa, o smartphone vibra na mão de Dean, e meu primeiro instinto é tentar tomá-lo de volta. Ele dá um passo depressa para trás e olha para a tela. “É Sean.” Sua boca treme, prendendo o riso. “Está com saudade do sabor dos seus lábios.”

Meu coração se comprime, dolorido. “Outra regra: você não pode me dizer o que ele escreveu.”

“Você tá me dando responsabilidades demais, gata. Não gosto de responsabilidade.”

Que surpresa. “Você é capaz, *gato*. Tenho fé em você.”

Dean dá uma última tragada no baseado, em seguida o esmaga no cinzeiro e se dirige para a porta de vidro de correr. Nossa, até seu jeito de andar é arrogante. E ele é uma delícia andando assim. Meu olhar repousa inadvertidamente em sua bunda firme e na forma como o moleto se ajusta a ela. Isso mesmo, estou conferindo a bunda de Dean. Quer dizer, é uma bunda espetacular, e sou uma *mulher* — o que posso fazer?

“Você tá lidando com isso da maneira errada, sabia? O melhor jeito de esquecer alguém é ficando com outra pessoa. E logo.”

As palavras me despertam da apreciação da sua bunda. “Ainda não estou pronta para ficar com outra pessoa.”

“Claro que está. Sério, arruma logo alguém pra te ajudar a esquecer.” Dean ergue o braço. “Eu me voluntario.”

Uma risada me escapa. “Sonhar não custa nada.”

Mas, lá no fundo, até considero a sugestão. Na verdade, sexo casual para esquecer não é uma ideia de todo má. É tipo cair do cavalo — as pessoas sempre aconselham a subir de volta na mesma hora, não é? Talvez eu devesse fazer exatamente isso, subir de novo na sela. No mínimo vai ser uma boa distração para a minha dor de cotovelo.

Mas definitivamente não vai ser com Dean. Não, prefiro encontrar uma sela que não tenha sido cavalgada por todas as alunas da Briar.

“Vamos dar logo um basta nisso”, decide ele.

“Se por um basta você tá querendo dizer esquecer essa ideia idiota, então, sim, vamos dar logo um basta nisso.”

Dean para junto à porta e se vira para mim, os olhos verdes me avaliando de forma sedutora da cabeça aos pés. “Na verdade, quanto mais penso nisso, mais gosto da ideia de te ajudar a esquecer.” Seu olhar se demora em meus peitos. “Gosto *bastante*.”

Abafo um gemido. “O Garrett me prometeu que você não ia dar em cima de mim este fim de semana.”

“G. não tem nada que fazer promessas em meu nome”, responde Dean com um sorriso. Então me chama com um gesto. “E aí, a gente vai ou não vai ver esse filme?”

Sigo-o para dentro de casa. Minha mente está nublada pela maco-nha, mas de um jeito bom, e quando Dean para no corredor para ajustar a calça que está prestes a cair, por algum motivo começo a rir como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Minha alegria desaparece assim que nos acomodamos no sofá, porque Dean senta do meu lado, passa um braço musculoso em volta dos meus ombros e me puxa para junto de si. Como se fosse totalmen-te normal.

Franzo a testa para ele. “O que seu braço tá fazendo em volta de mim?”

Sua expressão é a mais inocente. “É assim que assisto a filmes.”

“Sério? Então você passa o braço em volta do Garrett quando vê um filme com ele?”

“Claro. E, se ele for legal comigo, às vezes enfio a mão na calça dele.” Sua outra mão desliza até o cós da minha calça legging. “Basta ser legal comigo, e prometo que vou ser ainda mais legal em troca.”

“Rá. Nem morta.” Afasto sua mão, mas não antes de sentir uma centelha de calor entre as pernas. Seu peito nu é glorioso, e Dean está me provocando, implorando por meus dedos em seus músculos rijos. E ele cheira tão bem. Um cheirinho de mar. Não, de coco. Estou aérea demais para identificar o aroma, mas não o suficiente para não notar como es-tou formigando lá embaixo.

Ah, pelo amor de Deus. Minha vida sexual deve ter ido mesmo pelo ralo, se basta a presença de Dean Di Laurentis para eu ficar toda animada.

“O que mais a gente tem pra fazer?”, argumenta ele.

Aponto para a tv. “Ver um filme.”

“Preferiria ver você.” Ele levanta as sobrancelhas, numa provocação. “Gritando meu nome enquanto faço você gozar.”

Desta vez, não sinto arrepios. Só um riso que me escapa aos montes em ondas incontroláveis.

“Nossa. Você acaba com o ego de qualquer um.” Ele parece insultado.

Inspiro fundo por entre as gargalhadas. Pois é, estou chapada, relaxada e perdi todos os filtros, o que significa que posso provocar Dean o quanto quiser e depois culpar o baseado.

“Desculpa, mas você às vezes é demais.” Não consigo parar de rir. “As meninas realmente caem nessas cantadas?”

Ele solta um suspiro de reprovação. “Coloca logo essa porcaria de filme.”

“É pra já.” Aperto o controle remoto e sento na outra ponta do sofá, deixando um metro de distância entre nós.

Em sua defesa, Dean permanece em silêncio por quase trinta minutos. Ele mantém os olhos fixos na tela, mas, de canto de olho, não deixo de notar sua inquietação. Ele batuca os dedos compridos nas coxas. Passa uma das mãos pelo cabelo. Suspira, enquanto a personagem principal prepara um omelete em tempo real.

Quando ela senta à bancada e começa a comer o omelete — em *tempo real* —, Dean explode feito um vulcão adormecido.

“Este filme é horrível!” Então geme. Alto. “Pronto. Falei. Que merda de filme *horrível*.”

“Eu estou gostando.” Mentira. Assistir a este filme é o mesmo que ver tinta secar. Nem a maconha que acabamos de fumar é capaz de tornar a experiência minimamente agradável, mas não quero admitir que fiz a escolha errada. Não se pode dar o braço a torcer para um cara como Dean. Nunca. Ele vai esfregar isso na minha cara até o fim dos tempos.

“Você não pode estar gostando deste filme”, desafia ele.

“Estou”, insisto.

Ele me encara fixamente por uns bons segundos, mas minhas habilidades teatrais vêm bem a calhar, e consigo transmitir a mais pura inocência.

“Pois eu não. Este filme passou de todos os limites.”

Ofereço uma sugestão útil. “Por que você não vai lá em cima bater outra?”

Merda. Coisa errada para se dizer. Na mesma hora, seus olhos verdes assumem um brilho sedutor.

Com um sorriso preguiçoso, ele se aproxima e pergunta, arrastando a voz: “Que tal você fazer isso por mim?”.

O sujeito é incorrigível. “Esse assunto de novo? Você não aceita ‘não’ como resposta?”

“Não estou familiarizado com a palavra. Ninguém nunca me falou isso antes.” Ele se aproxima de novo, descansando a mão sobre a almofada entre nós e fazendo um carinho lento no tecido. “Vamos lá, que tal tornar esta festinha mais interessante? Estamos sozinhos em casa... somos os dois bonitos...”

Deixo escapar um riso de desdém.

“Vai ser divertido. Sexo é sempre divertido.”

“Passo.”

“Tudo bem, nada de sexo. Que tal só oral?”

Finjo pensar na questão. “E eu vou dar ou receber?”

“Receber. E depois dar. Porque é assim que as coisas funcionam.”

Ele abre um sorriso imenso. “Sabe como é, o ciclo da vida e tudo mais.”

Não posso deixar de rir. Podem falar o que quiserem desse cara, mas pelo menos ele é divertido. “Passo”, digo de novo.

“Quer dar uns amassos?”, pergunta, esperançoso.

“Não.”

“Eu beijo bem...” Ele deixa a frase no ar, como que para me seduzir.

“Rá. Depois dessa, tenho certeza que não. Toda vez que um cara diz que beija bem, ele é péssimo.”

“Ah, é? Você tem alguma evidência empírica para sustentar isso?”

“Claro.” Na verdade, não. E Dean sabe o que é *empírico*? Uau, talvez haja mais do que ar dentro dessa cabecinha bonita.

Ele parece pronto para argumentar, mas somos interrompidos por uma música alta vinda de seu celular. Faço uma careta ao reconhecer a melodia.

Homens. Incapazes de tirar um segundo do seu dia para baixar o assento do vaso, mas têm tempo de programar a música da ESPN como toque de celular?

Dean abre um sorriso ao ver quem está ligando e atende na mesma hora. “Maxwell! Qual é a boa?” Ele escuta, então me lança um olhar esperançoso. “Quer ir a uma festa?”

Faço que não com a cabeça.

A pessoa do outro lado da linha é forçada a suportar o suspiro excessivamente dramático de Dean. “Foi mal, cara. Não posso. Eu tô de babá...”

Dou um tapa em seu braço.

“... e ela não quer ir”, termina ele, me lançando um olhar afiado. Então faz mais uma pausa. “Não, já é bem grandinha.”

O quê?

“Tô de babá de uma adulta, cara. Amiga da namorada do G.” Dean continua como se eu nem estivesse na sala. “A gente tá vendo um filme aqui sobre uma mulher com câncer que é uma merda... é verdade, câncer em geral é uma merda. Quer dizer, todo o meu respeito por quem tem câncer, mas o filme é horrível. É... não, o jogo é na terça... verdade... beleza, claro. A gente se vê no Malone’s. Até mais, cara.”

Ele desliga e me olha de cara feia. “Eu podia estar numa festa agora.”

“Ninguém tá forçando você a ficar comigo”, ressalto.

“Tô *tentando* ser legal com você, por causa dessa história de coração partido e tudo mais. Demonstrar um pouquinho de gratidão que é bom? Não. Você não me dá nem um beijinho.”

Dou um tapinha em seu ombro. “Ah, gatinho. Tenho certeza que qualquer garota na agenda do seu telefone ficaria feliz em vir e enfiar a língua na sua boca. Eu, por outro lado, tenho critérios.”

“Ah, então eu não sou bom o bastante para você?” Ele arregala os olhos. “Pois fique sabendo que a sua amiga Wellsy adorou me beijar.”

Perco o ar de tanto rir. “Ah, você tá falando do beijinho que ela te deu para o Garrett não saber o quanto ela tinha gostado do beijo *dele*? Pois é, lindinho, conheço a história. Ela te beijou por desespero.” Ainda me dá um nó na cabeça pensar que Hannah tenha beijado esse cara. Dean está *tão* longe de ser o tipo dela.

Verdade seja dita, também nunca imaginei que o astro do hóquei Garrett Graham fosse seu tipo, e olha só para os dois agora. Almas gêmeas.

“Não foi por desespero”, reclama Dean.

“Aham. Continue pensando assim.”

Ele olha para a televisão. A personagem principal está fazendo comida de novo. Agora é o jantar, e a câmera faz muitos closes desnecessários nas batatas sendo descascadas. Ela come muito nesse filme.

“Alguém me mata, por favor.” Ele se recosta no sofá e passa ambas as mãos pela cabeça até estar todo descabelado. “Não vou aguentar mais nem um segundo disso.”

Nem eu, mas amarrei meu burro nesse poste e não posso abandoná-lo.

“Quer saber?”, anuncia ele. “Que maconha, o quê! Só tem uma coisa capaz de tornar essa porcaria tolerável.”

“E o que é?”

Em vez de responder, ele pula do sofá e desaparece na cozinha. Temerosa, escuto armários se abrindo e se fechando e copos tilintando. Logo em seguida ele está de volta, segurando uma garrafa numa das mãos e dois copinhos de shot na outra.

Dean abre um sorriso e anuncia: “Tequila”.